

REVISTA FAROL

FACULDADE ROLIM DE MOURA

ISSN Eletrônico: **2525-5908**

www.revistafarol.com.br

O estresse no agente penitenciário de um município do interior do estado de Rondônia

Poliana Santos Pinto

Elisangela Sobreira de Oliveira

O ESTRESSE NO AGENTE PENITENCIÁRIO DE UM MUNICÍPIO DO INTERIOR DO ESTADO DE RONDÔNIA

Poliana Santos Pinto¹

Elisângela Sobreira de Oliveira²

Resumo: O trabalho é uma das fontes de satisfação humana, entretanto pode ser também fonte de adoecimento quando contém fatores de risco a saúde do trabalhador. Atualmente as pessoas passam grande parte de seu tempo dedicadas as questões de trabalho e mesmo quando não estão efetivamente neste ambiente, acabam por passar um considerável tempo pensando em questões e problemas do trabalho. Isso pode acabar gerando estresse no trabalhador, afetando sua vida em vários aspectos, principalmente nas questões biológicas, psicológicas e sociais. O ambiente de trabalho carcerário possui características únicas e peculiares em relação a outros, como pressão e tensão que podem causar estresse no trabalhador. Correlacionando essas informações, justifica-se a importância em identificar se os profissionais que atuam como agentes penitenciários possuem sintomas de estresse e em quais níveis, comparando as diferenças entre os gêneros. Os resultados do Inventário de Sintomas de Estresse para adultos (ISSL) apontaram que de 17 sujeitos que participaram da pesquisa, apenas 7 (41,18%), apresentaram estresse, sendo estes nas fases de resistência e quase exaustão, em sua maioria do gênero feminino. Deste modo torna-se necessário mais estudos para a compreensão deste fenômeno.

Palavras-chave: Psicologia. Agentes penitenciários. Estresse.

THE STRESS IN THE PENITENTIARY AGENT OF A MUNICIPALITY OF THE INTERIOR OF THE STATE OF RONDÔNIA

Abstract: Work is one of the sources of human satisfaction, however it can also be a source of illness when it contains risk factors to the health of the worker. Today people spend much of their time dedicated to work issues and even when are not effectively in this environment, end up spending considerable time thinking about work issues and problems and this may end up generating stress on the worker, affecting his life in several aspects, especially in biological, psychological and social issues. The prison work environment has unique and peculiar characteristics in relation to others, such as pressure and tension that can cause stress on the worker. Correlating this information, it is justified the importance in identifying if the professionals who act as penitentiary agents have symptoms of stress and at which levels, comparing the differences between the genders. The results of the Inventory of Stress Symptoms for Adults (ISSL) showed that only 7 (41.18%) of the 17 subjects who participated in the research presented stress, being these in the phases of resistance and near exhaustion, mostly of the genus female. Therefore, further studies are needed to understand this phenomenon.

Keywords: Psychology. Prison agents. Stress.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente a maioria das pessoas passam a maior parte do seu tempo no ambiente de trabalho, o que traz a referência de que o desenvolvimento do estresse pode estar relacionado

¹Acadêmica do curso de Psicologia, FAROL – Faculdade de Rolim de Moura. E-mail: polilaura.ana@gmail.com.

² Professora do curso de graduação em Psicologia da FAROL – Faculdade de Rolim de Moura. E-mail: elisangela.oliveira@farol.edu.br.

ao contexto laboral. Complementando esta ideia, acredita-se que a probabilidade de aumento do estresse relacionado ao trabalho surge especialmente quando o ambiente possui características consideradas estressoras.

O ambiente carcerário possui características próprias e pode ser considerado como estressante devido alta carga psicoemocional que possui (tensão, pressão, perigo e etc.), mesmo assim, quando se fala em prisões a maioria das pessoas tendem a pensar nas pessoas que estão presas e na questão física, ou seja, nos muros, cercas, portas trancadas e janelas com grades. Neste caso, o agente penitenciário nem sempre é lembrado, mesmo estando exposto a um ambiente de trabalho com características que na maioria das vezes, interferem diretamente na sua qualidade de vida.

Do ponto de vista fisiológico, o estresse é responsável por provocar nos indivíduos alterações de modo a preparar o organismo para encarar ou superar as fontes de pressão exageradas as quais está submetido. Quando não há um equilíbrio do organismo em relação a essas pressões psíquicas do meio e a estrutura psíquica do indivíduo, instala-se um quadro de estresse (PEREIRA; ZILLE, 2010).

De acordo com Sadir e Lipp (2009) o stress na sociedade preocupa devido às suas consequências para a saúde e a qualidade de vida em níveis pessoais e também devido às implicações que tem para as empresas e para a sociedade. Ao analisar essa questão, espera-se que a pesquisa, além de proporcionar um maior conhecimento sobre essa área, traz possíveis contribuições a esses trabalhadores no sentido de melhorar a qualidade de vida no trabalho a partir dos encaminhamentos e orientações que serão realizadas após análise dos dados.

A pesquisa avalia a existência de sintomas de estresse no agente penitenciário que atua em um município do interior do estado de Rondônia, comparando as diferenças entre os gêneros, fazendo uma análise do nível e também uma comparação dos resultados por meio do Inventário de Sintomas de Estresse para Adultos de Lipp.

2 DESENVOLVIMENTO

Stress é um dos termos mais utilizados, tanto pela comunidade científica como pelo público em geral, mas, no entanto, continua a não existir um significado comum unanimemente aceito (BICHO; PEREIRA, 2007). Alguns autores definem stress ocupacional como sendo um conjunto de perturbações psicológicas ou sofrimento psíquico adjunto às experiências de trabalho.

De acordo com Jacques e Codo (2007) em seu sentido fisiológico fundamental, estresse denomina o processo de desadaptação e readaptação que caracteriza o desenvolvimento dos animais indicando ação e reação de todo ser vivo as alterações de estímulos do meio ambiente.

O ser humano é biopsicossocial e manifesta o sofrimento ou insatisfação de maneira psicossomática, e suas reações biológicas, psicológicas e sociais respondem às condições de vida. Por tanto o ser humano é entendido de forma integrada e dinâmica associando as características físicas, genéticas, herdadas ou desenvolvidas no decorrer da vida, psicológicas e emocionais e também os valores morais, papéis sociais desempenhados e o ambiente em que ele está inserido (MOLINA; CALVO, 2009).

O trabalho é uma das fontes de satisfação de necessidades humanas, todavia pode ser fonte de adoecimento quando contém fatores de risco para o estresse e o trabalhador não dispõe de recursos suficientes para se proteger destes riscos (CALDERERO; MIASSO; CORRADI-WEBSTER, 2008).

Segundo Ladeira (1996) o stress pode ser considerado também como um fenômeno tipicamente relacional entre o indivíduo e as demandas do seu ambiente e reflete todo um conjunto de reações e de respostas do organismo, de fundamental importância para a preservação de sua integridade. Os estímulos psíquicos e físicos presentes no ambiente quando percebidos pelo indivíduo como pressões podem ou não desestruturar o equilíbrio do ser.

O stress como sendo uma relação entre a pessoa, o ambiente e as circunstâncias as quais estão inseridas podem estar diretamente ligados ao estresse ocupacional, colocando em risco o bem-estar e a qualidade de vida desse trabalhador (BEZERRA, 2011). Neste processo de descoberta de interferências orgânicas e emocionais do estresse no ser humano, verifica-se que o estresse é um defensor do próprio homem, no sentido de se percebe em situação de perigo ou de ameaça a sua integridade.

Paschoal e Tamayo (2004) descrevem ainda que a conceituação do estresse ocupacional a partir do enfoque nos estressores organizacionais permite diferenciar dois tipos de estudo, os de estresse ocupacional e os de estresse em geral. O ocupacional tem seu enfoque nos estressores relacionados ao ambiente de trabalho e o estresse geral diz respeito aos estressores gerais na vida do indivíduo. A abordagem que enfoca os estressores organizacionais tem contribuído para identificar as demandas organizacionais geradoras de estresse.

Alguns autores falam sobre os estressores organizacionais, sendo que estes podem ser de natureza física ou psicossocial, despertando maiores interesses nos psicólogos organizacionais. Entre os estressores psicossociais, destacam-se os estressores baseados nos papéis, os fatores intrínsecos ao trabalho, os aspectos do relacionamento interpessoal no trabalho, a autonomia/controlado no trabalho e os fatores relacionados ao desenvolvimento da carreira (PASCHOAL; TAMAYO, 2004).

Sabemos que algumas profissões por si só já são fatores potenciais no surgimento e desenvolvimento do estresse. Segundo Molina e Calvo (2009), A exposição constante ao perigo, alerta, pressão/tensão, somados a periculosidade e insalubridade do ambiente de trabalho constituem variáveis relevantes para o surgimento de sintomas de estresse.

Os agentes da segurança penitenciária são aqueles que realizam serviços de vigilância, custódia e disciplina dos encarcerados e, para isso, o desenvolvimento dessas atividades é executado em determinadas condições de trabalho, que podem determinar riscos para a saúde física e/ou mental dos agentes (Kurowski & Moreno-Jiménez, 2002).

Os servidores penitenciários em geral trabalham em um ambiente fechado e isolado, o que, com o passar do tempo, pode torná-los muito limitados e inflexíveis. A maneira como são treinados e administrados precisa ser pensada de modo a precaver-se contra esse isolamento (COYLE, 2002).

De acordo com Tschiedel (2012), o ambiente de trabalho carcerário é peculiar em termos de relações interpessoais. Nesse contexto, trabalhar como agente de segurança penitenciário é considerado estressante devido à forte carga psicoemocional decorrente da relação agentes/presos, das exigências, dos turnos prolongados, das condições de trabalho e o limitado poder de decisão, por essas razões, considera-se que a categoria de agente penitenciário como uma ocupação arriscada e estressante, isso porque esse trabalho pode levar a distúrbios de várias ordens, tanto físicos quanto psicológicos.

Fica claro que os efeitos do alto nível de stress não se restringem ao comprometimento da saúde do trabalhador, esse alto grau de stress pode, além de efeitos desencadeadores no desenvolvimento de várias doenças, causar um prejuízo para a qualidade de vida e sua produtividade. A medicina do trabalho concebe ao trabalho como arquipélago de elementos simples e o trabalhador como arquipélago de músculos, ossos e vísceras (JACQUES; CODO, 2007).

Segundo Reis *et al.* (2012), a tarefa que os agentes penitenciários desempenham pode ser definida como, uma atividade de risco, isso porque em sua essência, consiste em lidar com

os que cumprem pena em estabelecimentos prisionais, com o objetivo de mantê-los sob a custódia do Estado e de acordo com as determinações do Poder Judiciário, fazendo também com que se compra as normas estabelecidas pela instituição.

Todavia, em sua prática diária, essa tarefa se revela extremamente complexa, na medida em que eles têm que tentar conciliar a necessidade de se aproximar dos aprisionados com o intuito de identificar suas intenções para conseguir se antecipar as suas tentativas de fuga e mediar os conflitos entre os mesmos, bem como, também manter uma distância segura, a fim de fazer valer as regras do estabelecimento e as determinações da direção da penitenciária. O eficaz exercício da função de agente penitenciário requer um compromisso para com a instituição a que pertencem, devem ter atitudes estratégicas e criteriosas, para colaborar com as mudanças no trato do homem preso, e realizá-las com espírito de legalidade e ética (REIS *et al.* 2012).

Moraes (2013) ressalta que a questão do desgaste dos agentes penitenciários pelo trabalho está relacionado a necessidade de vigiar e manter a ordem na instituição de forma total com as características das prisões, que coloca os agentes penitenciários sempre em uma posição entre dois mundos, da lei e da ordem, de um lado, e do outro, o crime e a desordem, e um dos efeitos imediatos dessa situação seria o estresse nesses trabalhadores.

Segundo Reis *et al.* (2012) na absoluta maioria, os que trabalham como agentes penitenciários exercem suas atividades em estabelecimentos penais precários com riscos à integridade tanto dos que cumprem pena, quanto dos Agentes Prisionais, isso os torna mais vulneráveis ao estresse.

3 METODOLOGIA

Após a aprovação do CEP em 08/05/2017 com o parecer 2.052.172, inscrito com o CAAE 67288617.9.0000.5605. Inicialmente ocorreu um primeiro contato com a instituição para apresentação do projeto e assinatura da carta de Encaminhamento a Instituição Sediadora e a carta Anuência da Instituição Sediadora, para então iniciar a coleta de dados, a qual se deu de acordo com os plantões realizados na penitenciária, de forma a esclarecer sobre a pesquisa e informa-los sobre seus objetivos. Foi então entregue aos que aceitaram sua participação o Termo de Consentimento Pós Informado para então iniciar a aplicação do teste, que foi realizada de forma individual, com duração de 10 minutos para cada participante. Tendo como amostra total 17 participantes que aceitaram a participação na pesquisa.

O teste que aplicado (ISSL), para obtenção de dados possui um modelo quadrifásico, que avalia as fases do estresse, sendo elas: fase de alerta, que é considerada positiva onde o sujeito fica mais ligado e ativo nas suas atividades; Resistência, onde a pessoa automaticamente tenta lidar com seus estressores; Quase-exaustão, nesta o processo de adoecimento se inicia e os órgãos que possuem uma maior vulnerabilidade passam a mostrar sinais de deterioração, e a fase de Exaustão, nesta é quando doenças graves podem ocorrer com úlceras, psoríases, depressão e outros (LIPP, 2000).

Os dados da pesquisa serão apresentados de forma quantitativa, seus resultados serão apresentados em gráficos a fim de facilitar a compreensão acerca das informações colhidas através do teste.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para os agentes penitenciários a habilidade e integridade pessoal são de total importância para desempenhar esse trabalho de maneira profissional, isso significa, primeiramente, que os homens e as mulheres que trabalham nas prisões precisam ser seriamente selecionados de modo a assegurar que eles possuem as qualidades pessoais e a formação educacional adequadas para exercício da função. Em seguida, é preciso proporcionar lhes capacitação adequada no que diz respeito aos princípios que devem nortear seu trabalho e às habilidades humanas e aptidões técnicas necessárias (COYLE, 2002).

De acordo com os dados levantados por esta pesquisa, notou-se que os agentes penitenciários do local onde se realizou a pesquisa, em sua maioria não estão acometidos com estresse. Entretanto é importante destacar que a amostra deste trabalho obteve 70% da amostra total, visto que a penitenciária onde foi realizada a pesquisa possui um total de 24 (vinte e quatro) agentes penitenciários, sendo 6 (seis) do gênero feminino e 18 (dezoito) do gênero masculino.

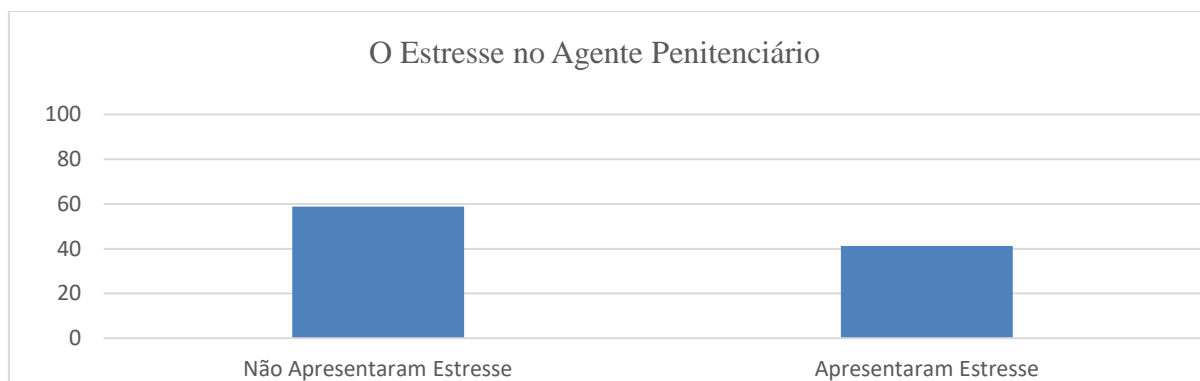
Ressalta-se que destes apenas 17 (dezessete) sujeitos aceitaram a participação na pesquisa, respondendo ao Inventário de Sintomas de Estresse para adultos de Lipp, sendo o gênero feminino da amostra equivalente a 35,30% (seis sujeitos) e o gênero masculino o equivalente a 64,70% (onze sujeitos). As idades dos sujeitos variam entre 27 a 41 anos, e o nível de escolaridade é do ensino médio a nível superior completo.

Apesar de compreender a uma amostra significativa, não se sabe ao certo as características dos sujeitos que ficaram fora desta amostra. Portanto, é necessário reconhecer

que os dados poderiam ser diferentes, caso tivéssemos a participação de 100% da amostra total de servidores.

Abaixo, serão descritos os resultados do teste no que se refere ao estresse no grupo de agentes penitenciários que participaram desta pesquisa.

Figura 1: O Estresse no Agente Penitenciário.



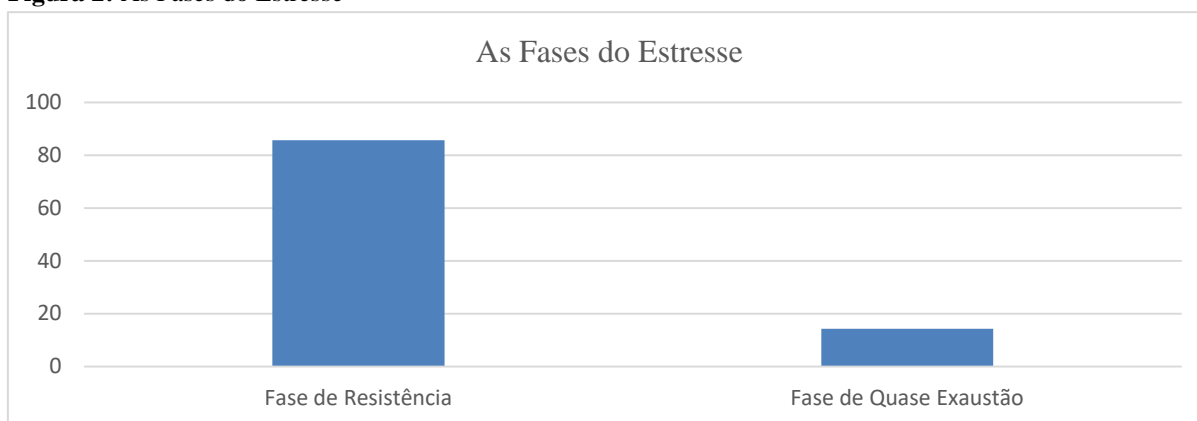
Fonte: Própria autora (2017).

Como mostra o gráfico acima, do total de sujeitos participantes da pesquisa, 41,18% (sete sujeitos) apresentaram estresse e 58,82% (dez sujeitos) não apresentaram estresse. De forma geral os participantes, na maioria, não estão acometidos com estresse, entretanto, conforme descrito no parágrafo anterior, a ausência de 30% da amostra pode ser significativa, visto que a diferença entre as porcentagens é de aproximadamente 17,64%. Molina e Calvo (2002) citam que o ambiente de trabalho prisional, devido à forte carga psicoemocional podem causar estresse nos agentes penitenciários.

Durante o período em que os dados foram coletados, observou-se ser um ambiente onde as pessoas estão em constante vigilância, precisando estar atento a todos os movimentos dentro e fora do ambiente. Além de acompanhar as celas, os agentes penitenciários deste município, realizam procedimentos de transporte dos presos para audiências, consultas médicas ou transferências para outros estabelecimentos. Deste modo, estas situações além de outras pressões no ambiente de trabalho podem ocasionar tensões.

Assim, diante da correção dos testes e a identificação que 41,18% (sete sujeitos) apresentaram estresse, realizou-se a análise no que se refere a fase do estresse em que estes sujeitos se encontram, conforme o gráfico que segue.

Figura 2: As Fases do Estresse



Fonte: Própria autora 2017).

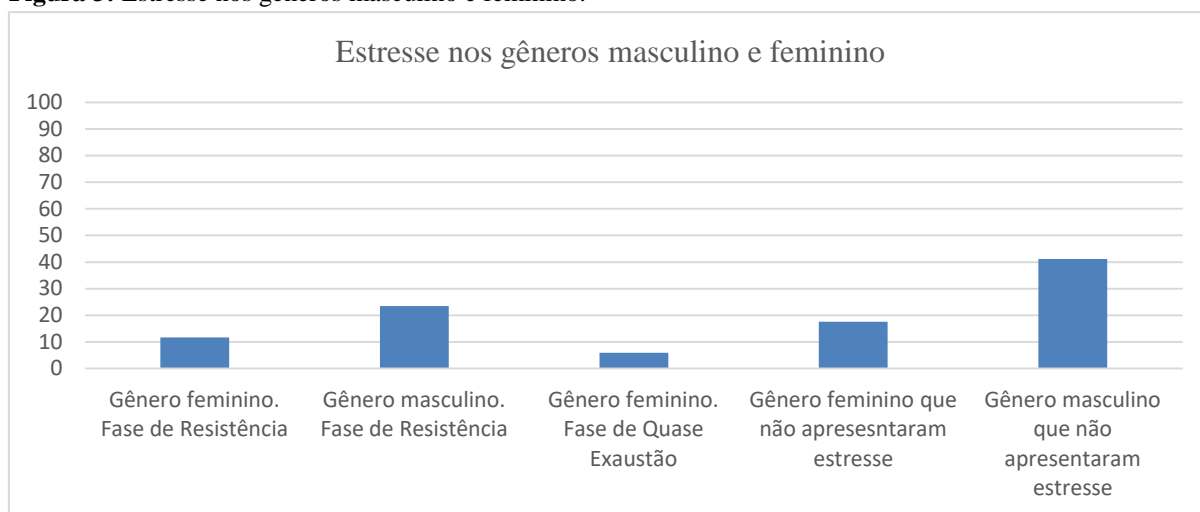
Como apresenta o gráfico acima, dos sujeitos que apontaram estresse apenas 14,29% (um sujeito) encontra-se na fase de Quase Exaustão e 85,71% (seis sujeitos) na fase de Resistência. Segundo Lipp (2000), na fase de resistência, a pessoa automaticamente tenta lidar com os seus estressores, já na fase de quase-exaustão, o processo do adoecimento se inicia e os órgãos que possuem uma maior vulnerabilidade passam a mostrar sinais de que o estresse está trazendo maiores prejuízos.

Nota-se que, apesar de obter dados de que deixam um alerta no que se refere a existência de estresse entre os agentes penitenciários, a amostra apresenta a maioria destes encontram-se em resistência, ou seja, em estado de alerta e tentando encontrar alternativas para não chegar ao adoecimento. Deste modo, percebe-se a importância de se realizar trabalhos que orientem estes profissionais quanto a métodos e estratégias que auxiliem na saúde mental.

Quanto ao único sujeito que apresentou indícios de quase-exaustão, observa-se a necessidade de realizar encaminhamentos para que este sujeito não venha a adoecer ainda mais, o que pode ocasionar danos tanto em questões pessoais quanto na realização de seu trabalho em si.

Além de identificar a existência do estresse entre os agentes penitenciários deste município e a fase do estresse em que se encontravam, esta pesquisa se propôs a verificar a diferença entre homens e mulheres. Segue abaixo os dados de comparação entre homens e mulheres no que se refere aos sujeitos que apresentaram sintomas de estresse.

Figura 3: Estresse nos gêneros masculino e feminino.



Fonte: Própria autora (2017).

Nos sujeitos do gênero feminino (seis sujeitos), 11,76% (dois sujeitos) apresentaram estresse na fase de Resistência, 5,88% (um sujeito) na fase de quase exaustão e 17,65% (três sujeitos) não apresentaram estresse. Do gênero masculino da amostra (onze sujeitos), apenas 23,53% (quatro sujeitos), apresentaram estresse na fase de resistência, e 41,17% (sete sujeitos) não apresentaram estresse. Com isso pode-se dizer então que na penitenciária onde se realizou a pesquisa, as mulheres apresentaram maior incidência de estresse quando comparado ao gênero masculino que mesmo estando em maior número da amostra, observou-se que mais de 40% não apresentaram estresse. Lipp e colaboradores (1996) afirmam que para se prevenir e tratar o stress adequadamente existe considerável interesse em se saber se homens e mulheres diferem no nível de stress que apresentam e no modo como ele se manifesta, se na área somática ou cognitiva.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa traz contribuições para futuros pesquisadores, afim de compreender como é o funcionamento da penitenciária no município, como os agentes penitenciários lidam com a profissão, com a pressão que o ambiente gera e se esses profissionais tem um treinamento específico para estes profissionais para fornecer subsídio para lidar com as condições de trabalho existente naquele contexto em especial.

De todos os sujeitos avaliados na pesquisa por meio do teste de Lipp, constatou-se que a maioria não apresentou o estresse em suas fases mais altas, sendo que mais da metade dos

participantes não apresentaram estresse em nenhuma fase. Além disso, notou-se a existência de sujeitos com estresse na fase de Resistência, e apenas um sujeito do gênero feminino na fase de Quase Exaustão.

A partir desses resultados, entende-se por necessários dar as possíveis contribuições aos sujeitos que participaram da pesquisa e que apontaram estresse, a fim de informá-los sobre os resultados dos testes e dar possíveis encaminhamentos para que procurem atendimento psicológico, já que o estresse pode causar prejuízos em todos os aspectos nas questões biológicas, psicológicas e sociais. Além disso, a pesquisa acrescenta conhecimento cientificamente fundamentado sobre o estresse no agente penitenciário, especialmente aos que trabalham no município onde se realizou a pesquisa, auxiliando então outros pesquisadores que também tenham interesse sobre o assunto, compreender a respeito dos aspectos que não foram abordados na pesquisa, tais como, a idade dos sujeitos, níveis de formação e tempo de serviço, que também podem influenciar no surgimento de estresse no agente penitenciário.

6 REFERÊNCIAS

- BEZERRA, A. E. P. **Estresse e qualidade de vida no trabalho dos bombeiros militares de Campina grande**. Paraíba, 2011. Disponível em: <<http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/bitstream/123456789/541/1/PDF%20%20Anuska%20Erika%20Pereira%20Bezerra.pdf>>. Acesso em: 03 ago. 2016.
- BICHO, L. M.; PEREIRA, S. R.: **Stress ocupacional**. Instituto politécnico de Coimbra, Instituto superior de engenharia de Coimbra, Departamento de engenharia civil, 2007. Disponível em: <http://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/33188736/Stress_Ocupacional.pdf?AWSAccessKeyId=pdf>. Acesso em: 03 ago. 2016
- CALAIS, S. L.; ANDRADE, L. M. B.; LIPP, M. E. N: **Diferenças de sexo e escolaridade na manifestação de stress em adultos jovens**. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. 1996. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722003000200005>. Acesso em: 07 set. 2017.
- CALDERERO, A. R. L.; MIASSO, A. I.; CORRADI-WEBSTER, C. M. **Revista Eletrônica de Enfermagem** Estresse e estratégias de enfrentamento em uma equipe de enfermagem de Pronto Atendimento. Ribeirão Preto. SP.2008. Disponível em: <<http://ww.fen.ufg.br/revista/v10/n1/pdf/v10n1a05.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2016.
- COYLE, A.: **Administração penitenciária: Uma abordagem de direitos humanos**. Manual para servidores penitenciários. Center for PrisonStudies, 2002.
- JACQUES, M. G.; CODO, W. (Org.). **Saúde mental & trabalho: leituras**. 3. ed. Petrópolis, RJ. 2007.

LADEIRA, M. B.: **Revista de administração** O processo do stress ocupacional e a psicopatologia do trabalho. São Paulo, 1996. Disponível em: <http://sindpdce.org.br/images/conteúdo/file/PSICOPATOLOGIA_TRABALHO.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2016.

LIPP, M. E. N. **Manual do inventario de sintomas de stress para adultos de Lipp (ISSL)** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

MORAES, P. R. B.; **Tempo social, revista de sociologia da USP: A identidade e o papel de agentes penitenciários.** v. 25, n. 1. 2013. Disponível em: <<file:///C:/Users/Nunes/Downloads/69036-91044-1-PB.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2016.

MOLINA, C.; CALVO, E. A. **Doenças ocupacionais: Um estudo sobre o estresse em agentes penitenciários de uma unidade prisional.** v. 5, São Paulo, 2009. Disponível em: <<http://intertemas.unitoledo.br/revista/index.php/ETIC/article/viewFile%20/2173/2342>>. Acesso em: 03 ago. 2016.

PASCHOAL, T.; TAMAYO, A. **Validação da escala de Estresse no Trabalho.** Universidade de Brasília, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/epsic/v9n1/22380.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2016.

PEREIRA, L. Z.; ZILLE, G. P. **O estresse no trabalho: uma analisa teórica de seus conceitos e suas inter-relações.** Minas Gerais UFMG. 2010. Disponível em: <<http://www.unihorizontes.br/userfiles/file/Estresse%20no%20trabalho%20-%20Texto%201.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2016.

REIS, J. F. G et al. **Agentes prisionais: Percepção e conflitos de uma prisão de risco.** XV Encontro de ciências sociais do norte e nordeste e pré-alas-Brasil. 2012. UFPI, Teresina-PI, 2012. Disponível em: <http://www.sinteseeventos.com.br/ciso/anaisxvciso/resumos/GT25-12.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2016.

SADIR, A. M.; BIGNATTO, M. M.; LIPP, M. E. N. **Stress e qualidade de vida: influência de algumas variáveis pessoais.** Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas-SP, 2009. Disponível em: <<http://oaji.net/articles/2014/655-1401456199.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2016.

TSHIEDEL, R. M. **O trabalho prisional e suas implicações na saúde mental dos agentes de segurança penitenciária.** 2002. Disponível em: <<http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/000003/00000346.pdf>>. Acesso em: 05 ago. 2016.

Kurowski, C. M. Moreno-Jiménez, B: **A Síndrome de Burnout em funcionários de Instituições penitenciárias.** 2002. Casa do Psicólogo.

Recebido para publicação em agosto de 2018

Aprovado para publicação em agosto de 2018